

A festa da língua – Vilém Flusser

Murilo Jardelino da Costa*

Vilém Flusser nasceu em 12 de maio de 1920, em Praga, e lá iniciou os estudos em Filosofia. Diante da invasão nazista, e devido à ascendência judaica, imigrou para a Inglaterra em 1939. No ano seguinte, ainda em fuga do nazismo, veio para o Brasil acompanhado de sua então namorada e futura esposa, Edith Flusser. Depois de trabalhar na indústria do sogro, resolveu dedicar-se à vida intelectual. Lecionou na Escola de Arte Dramática Alfredo Mesquita, no ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica), na FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado), na Escola Politécnica da USP e na extinta Faculdade São Luís. Foi um dos mais importantes intelectuais na área da Filosofia da Comunicação.

Desde a década de 1970, quando a mídia se impôs definitivamente nas relações comunicacionais cotidianas, iniciou-se uma cruzada a fim de se demonstrar que a tecnologia contribui para a abertura de um enorme e novo campo de possibilidades de criação. Além da reflexão sobre a mídia, Flusser desenvolveu importantes ensaios teóricos sobre a linguagem, as línguas e o fenômeno da tradução.

Ainda que tenha vivido no Brasil durante mais de 32 anos, e jamais morado na Alemanha, sua obra é mais estudada pelos alemães do que pelos brasileiros, sendo, também, mais conhecida por suas reflexões sobre mídia e contemporaneidade.

Uma recente publicação sobre o autor, o livro **A época brasileira de Vilém Flusser**, de Eva Batlickova, pode reverter esse quadro, não apenas tornando o filósofo mais atrativo para os leitores brasileiros, como também jogando luzes sobre as reflexões de sua fase inicial de produção, desenvolvida aqui no Brasil.

Outra publicação recente, **A escrita: há futuro para a escrita?**, um dos últimos ensaios produzidos antes do acidente que lhe tirou a vida, redigido,

* Mestre em Linguística (UFPE), bacharel em Português/ Alemão (USP). Professor de Teorias Linguísticas na UNINOVE-SP e na FASB-SP. *E-mail*: murilojardelino@uninove.br

originalmente, em 1987, e traduzido, em 2010, para o português, é uma obra fundamental para se conhecer o pensamento do filósofo. É nesse contexto que se insere essa nova publicação, cujo objetivo é apresentar e esclarecer alguns dos temas e alguns dos aspectos mais importantes concernentes à linguagem e à escrita da produção intelectual desse importante filósofo tcheco-brasileiro, que rompeu definitivamente os limites das disciplinas científicas, e cuja obra já é referência nas áreas de Comunicação e Mídia, de Letras e Tradução.

A festa da língua – Vilém Flusser, publicado pela Fundação Memorial da América Latina, consiste em uma coletânea de doze artigos. Leitores interessados na complexidade, na abrangência e na diversidade dos objetos tratados pelo filósofo encontrarão, nessa publicação, um roteiro múltiplo, abrangente e agradável.

Em **Meu bem, você não entendeu nada: a generosidade cética de Vilém Flusser**, Gustavo Bernardo Krause comenta, a partir da frase preferida de Flusser em sala de aula, a insuspeita generosidade intelectual do filósofo tcheco-brasileiro, articulando o ceticismo que constitui seu pensamento com as principais teses da sua obra-síntese, **A escrita: há futuro para a escrita?**.

No ensaio de Rainer Guldin, **Arte é, poiesis: ela cria a realidade: considerações acerca do conceito de Arte em Flusser**, ao invés da apresentação de Flusser como teórico da mídia, comunicólogo e filósofo, assunto de outros capítulos dessa coletânea, o pesquisador suíço tem por objetivo discorrer sobre o ainda pouco conhecido e pesquisado conceito de arte elaborado por Flusser, em geral, e sua prática de escrita plurilinguística, em específico.

Na busca por um estatuto edificador para uma “Teoria da Mídia” brasileira, consolidada por Flusser, Milton Pelegrini, no ensaio **Uma Teoria da Mídia brasileira: o conceito de “tecnoimagem” de Vilém Flusser**, apresenta o marco inicial para as reflexões do filósofo sobre a questão dos ambientes comunicacionais criados pelo homem, capazes de recriá-lo pela força da crença em suas representações. A realidade propagada pelos aparatos produtores de imagens técnicas ajudou a fabricar consensos em larga escala nas sociedades do século XX.

Ao estudar a comunicação como um processo artificial baseado em códigos, Flusser propõe a distinção entre comunicação dialógica e comunicação discursiva. Em seu artigo **Comunicação dialógica e comunicação discursiva em Vilém Flusser**, José Eugênio de Oliveira Menezes mapeia a forma como o autor

compreendeu o conceito de comunicação e descreve indícios da tensão entre as posturas humanas manifestadas em diálogos e em discursos, no contexto das redes sociais hoje presentes na *Internet*.

Márcio Seligmann-Silva, em **Para uma filosofia do exílio: A. Rosenfeld e V. Flusser sobre as vantagens de não se ter uma pátria**, trata do tema “intelectuais e processos de circulação cultural”. Para Seligmann-Silva, esse tema levou a pensar o local e o papel do intelectual da chamada “periferia”, em uma época de circulação intensa e de desconstrução das hierarquias do tipo periferia-metrópole. Outra questão também posta pelo pesquisador consiste em quais modelos de circulação cultural permitem pensar essa nova situação nômade, que paradoxalmente, ao mesmo tempo, solicita um abandono do modelo – moderno – do nacional e reforça o local, em resposta à globalização econômica e cultural, assim como constrói muros em torno dos novos blocos econômicos. Por último, o autor pergunta-se em que medida as experiências de intelectuais exilados no Brasil permitem lançar uma luz sobre essas questões.

Considerando a escrita ensaístico-literária de Flusser a partir do poliglotismo deste, Pablo Gasparini estabelece, em **Sobre a apatridade da escrita: Flusser/ Borges em perspectiva**, algumas analogias entre as reflexões realizadas sobre a prática da tradução em **Língua e realidade**, de Flusser, e certas observações acerca da mesma prática no relato **Tlön, Uqbar, Orbis Tertius**, de Jorge Luis Borges. Destacando um gesto paródico similar, em face dos eventuais resultados da – em termos de Flusser – “retradução léxica”, o artigo tenta demonstrar como certa rejeição ao encontro macarrônico de línguas conduz Flusser a um ideário de escrita em língua estrangeira distante tanto da marcação obsessiva da diferença quanto da pretensão de se escrever com a vocação naturalizante de um nativo. Finalmente, deslocando essas reflexões para o campo cultural, o artigo postula que tal posição superadora dos já previsíveis lugares do estrangeiro e do imigrante pode ser entendida não só em Flusser, mas também em Borges, a partir do conceito de “apatridade”, trabalhado por aquele em **Bodenlos: uma autobiografia filosófica**.

Para Eva Batlickova, Flusser é um pensador brasileiro. O filósofo teria entrado na história do pensamento em 1983, depois da publicação de seu livro **A filosofia da caixa preta**, na Alemanha. Desde então, tornou-se um teórico de mídia reconhecido no mundo inteiro, e intelectual relacionado, principalmente, com o

ambiente alemão. No entanto, em 1983, Flusser estava com 63 anos, começando a escrever suas primeiras obras nos anos 50, no Brasil, onde viveu mais de trinta anos (1940-1972). O artigo mostra a importância de sua produção brasileira e resgata a relevância de sua atuação no Brasil para se entender a complexidade de suas ideias. Um dos objetivos do estudo é mostrar uma possível ponte entre Flusser como filósofo da linguagem, nos anos 60, e Flusser como filósofo de mídia, nos anos 80.

Para Rodrigo Duarte, em **A pós-história de Flusser e a promessa do Brasil**, Flusser se tornou mundialmente conhecido pela sua teoria dos novos *media*, na qual se destaca o conceito de imagens técnicas ou tecno-imagens. A ambiência social em que essas se desenvolvem e tendem a predominar configura-se naquilo que o filósofo chama de “pós-história”, definida como um período da experiência humana em que os traços característicos do decurso histórico – por exemplo, o progresso e o encadeamento de eventos, tendo-se em vista um propósito inelutável – não são mais reconhecíveis enquanto determinantes. Tal ambiência caracteriza as sociedades que se desenvolveram industrial e historicamente até um ponto em que a noção de progresso, juntamente com a própria experiência a ele relacionada, entrou em colapso, o que, na prática, coincide com a realidade da maioria dos países europeus, dos Estados Unidos e, eventualmente, das partes da Ásia que experimentaram grandes surtos de industrialização no século XX.

A poesia, para Flusser, tem um sentido ampliado e pode abranger a ciência, a filosofia, assim como a poesia no sentido estrito. Ela é responsável pela produção e a expansão da língua, pois é a intuição poética que se aproxima dos dados brutos e cria os nomes próprios, que são tomados pela conversação. A partir dessas considerações, Maria Teresa Cardoso de Campos explicita, em **A poesia na festa da língua**, o conceito de poesia na filosofia da língua flusseriana, e compreende as manifestações poéticas brasileiras, em sentido estrito, da poesia concreta e da poesia visual digital, no processo, apresentado por Flusser, de transformação de textos em imagens técnicas.

Em seu ensaio, **Os espaços da escritura: pelos percursos de Flusser e o sujeito escritor – leitor**, Eliana Meneses de Melo discorre sobre percursos possíveis de leitura de **A escrita: há futuro para a escrita?**. Para ela, pelo caminho da etnografia descritiva, o autor nos remete às múltiplas leituras que realizamos em

nosso cotidiano de leitor: tipologias textuais e ambientes por onde circulam os textos e perpassa o sujeito leitor, revestido de um sentimento nostálgico no qual circundam dois tempos. Primeiro, o tempo que antecede a massificação dos espaços multimidiáticos, oriundos das tecnologias informacionais; segundo, aquele do leitor já possuidor de vivências diversas nas dimensões tecnológicas. Vem desse encontro uma saudade poeticamente projetada nos níveis de leitura que se manifestam para além da superfície do texto e se materializam na emoção do leitor, que visualiza máquinas tipográficas, livros, jornais, papelarias, escrivatinhas, tudo sem as vestimentas contemporâneas.

Para Cláudia Martins, a ideia de que a tradução seja uma forma privilegiada de leitura e de crítica e, como tal, possa contribuir para a própria escrita e para a literatura, não é nova: remonta ao início da história da tradução literária ocidental. Ao longo dessa história, diversos escritores utilizaram a autotradução como uma ferramenta de escrita. O filósofo tcheco-alemão-judeu-brasileiro Flusser desenvolveu um método de reflexão e de escrita que consistia em autotraduzir e retraduzir sistematicamente seus ensaios, recorrendo a quatro línguas: alemão, português, inglês e francês. No ensaio **A autotradução como método de reflexão em Vilém Flusser**, a pesquisadora analisa essa prática de autotradução e retradução, que possibilitava, a Flusser, ganhar um distanciamento crítico e uma abertura de novas perspectivas para o tema a ser tratado.

O último artigo, **A escrita plurilinguística de Flusser no contexto da linguagem caleidoscópica**, de Murilo Jardelino da Costa, tem como objetivo apresentar considerações sobre a tradução de **A escrita: há futuro para a escrita?**, e acerca da própria prática de escrita daquele filósofo. Em primeiro lugar, informações sobre a obra e sua tradução do alemão para o português são divulgadas. Num segundo momento, trata-se da escrita como criação linguística, como invenção. É nesse sentido que residem os aspectos mais interessantes e desafiadores do processo de tradução da obra de Flusser. A escrita flusseriana é compreendida tanto em alemão quanto em português como plurilíngue. É, em verdade, uma escrita constitutivamente plural. Discute-se o conceito “escrita plurilinguística” no contexto da linguagem caleidoscópica.

Trata-se, pois, como já dissemos, de um roteiro múltiplo, abrangente e rigoroso para se conhecer o pensamento de Flusser, em especial, para os

estudantes do curso de Letras, para quem o filósofo ainda permanece desconhecido.